

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE

**SIMONE DE CÁSSIA BENITO
TALITA CRISTINA BATISTA DOS SANTOS**

**ENSINO DO VERBO: MÉTODO POR PARADIGMA E POR
COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICO–TEXTUAL**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2009**

SIMONE DE CÁSSIA BENITO
TALITA CRISTINA BATISTA DOS SANTOS

ENSINO DO VERBO: MÉTODO POR PARADIGMA E POR COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICO—TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2009

Benito, Simone de Cássia; Santos, Talita C. Batista dos
Ensino do Verbo: por paradigma e por
competência lingüístico-textual / Simone de Cássia Benito;
Talita C. Batista dos Santos. --Bebedouro: Fafibe, 2009.

86 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em
Letras – Inglês - Faculdades Integradas Fafibe,
Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 38

1. Verbo. 2. Lingüística. 3. Letras
I. Título.

SIMONE DE CÁSSIA BENITO
TALITA CRISTINA BATISTA DOS SANTOS

ENSINO DO VERBO: MÉTODO POR PARADIGMA E POR COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICO—TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado às Faculdades Integradas Fafibe
como requisito parcial para obtenção do grau
de licenciado em Letras (Inglês ou Espanhol e
suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador : Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: Prof^a. Ms. Cássia Davanço
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

AGRADECIMENTOS

A Deus, que zela e vela pela nossa caminhada em vida, graças a nossa fé tivemos forças para entrar na faculdade e concluí-la com êxito ao desenvolver nosso projeto de pesquisa, pois Deus nos deu ferramentas e nós soubemos trabalhar.

Ao Prof. Dr. Rinaldo Guariglia, pela excelente orientação, com toda paciência e sabedoria fez com que desenvolvêssemos confiantes a nossa monografia e isso foi possível, devido a nossa aprendizagem. Também pelo tempo dedicado a nós e pela dedicação e comprometimento não só conosco, mas com o curso.

À Professora Ms. Cássia Davanço que nos disponibilizou suas aulas do primeiro ano do ensino médio do estado para que pudéssemos colocar a nossa teoria em prática, nos ajudou com os alunos, principalmente na realização das atividades, devido a isso, ganhamos um pouco de experiência ao ministrarmos as aulas.

Aos alunos do primeiro ano do ensino médio que não se opuseram em relação ao mini-curso ao contrário se comprometeram, fizeram as atividades pedidas, nos proporcionando materiais necessários para a conclusão do nosso projeto de pesquisa.

A todos os Professores Ms. Norma Barbosa Novaes, Ms. Rita de Cássia Toloni G. de S. de Carvalho e Silva, Ms. Mirela Piteli, Ms. Paulo Rogério Ferrarezi, Ms. Maria Tereza de França Roland, que durante o tempo em que ministraram o curso de Letras se desempenharam para nos deixarem competentes linguisticamente falando, para que pudéssemos desenvolver com êxito nossos trabalhos, provas, projetos entre outros, o que contribuiu para o desenvolvimento do nosso trabalho de conclusão de curso.

Enfim, agradecemos a todos que de forma direta ou indireta participaram de nossa formação acadêmica contribuindo para assim, nos tornarmos boas profissionais capazes de realizarmos nossa profissão com sabedoria e maturidade.

Agradecimentos Simone

Ao meu namorado Ronaldo pela paciência, compreensão, incentivo e ajuda oferecida durante os três anos de curso.

A minha família pelo apoio e ajuda durante toda essa caminhada.

Agradecimentos Talita

A Deus, porque nada aconteceria em minha vida se não fosse por Ele.

Aos meus pais principalmente pelo apoio e incentivo em todas as áreas durante todo esse tempo de realização de curso e a todos os familiares pela ajuda durante essa caminhada.

Ao meu namorado José Sérgio pela paciência, colaboração e incentivo em todo esse ano de 2009 para a conclusão desse curso.

"A mente que se abre para uma nova id\u00e9ia
jamais volta ao seu tamanho natural."

Albert Einstein

RESUMO

Neste trabalho aplicaremos por meio da Lingüística Aplicada ao ensino de Língua Materna, um estudo do verbo nas aulas de Língua Portuguesa da 1ª série do ensino médio. O ensino de verbos sempre foi baseado em método por meio de paradigma (assimilação da conjugação verbal), cuja proposta consiste na memorização do paradigma verbal pelas desinências. Então, investigaremos o método contextualizado, pelo texto, em que se privilegia o uso do verbo de acordo com os “Parâmetros Curriculares Nacionais do Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa”, para analisarmos se é possível promover uma reflexão nos alunos sobre o uso desses verbos, e com relação aos professores, é possível usar essas novas metodologias. Essa reflexão procura investigar a viabilidade deste método: a sistematização do paradigma como um passo inicial, a fim de mostrar o quadro morfológico do verbo, lexemas e gramemas, em seguida, como passo mais importante, a aprendizagem do verbo no texto, contextualmente, compreendendo o uso dos modos e dos tempos. O cópua de pesquisa será obtido por meio de um mini-curso, disponibilizado pela Escola Estadual do Distrito de Botafogo SP.

Palavras-chave: Ensino Contextualizado do Verbo. Memorização de Paradigma. Paradigma Verbal. PCNs. Verbo.

ABSTRACT

In this work we will apply by means of the Linguistics Applied to the teaching of Maternal Language, a verb study in the Portuguese Language classes of high school's 1st grade. The verbs taught was always based on paradigm methods (assimilation of the verbal conjugation), whose proposal consists in the memorization of the verbal paradigm by their endings. So, we will investigate the contextualized method by the text, in which we privilege the verb used according to the "National Curricular Parameters of junior high school", we will analyze if it is possible to promote a reflection in students about the use of these verbs, and about teachers that use these new methodologies. This reflection intends to investigate the viability of this method: for sistematization of the paradigm as an initial step, in order to show the morphologic system of the verb, lexemes and gramemes, soon after, as more important step, learning verbs in the text, contextually, comprehending their endings. The research Córpus will be obtained by a mini-course, which is made at the School from Botafogo District, São Paulo.

Keywords: Paradigm memorization. PCNs. Teaching Contextualized of the Verb. Verb. Verbal paradigm.

SUMÁRIO

Introdução	10
1 Métodos para o Ensino de Verbo: Ensino Contextualizado e Memorização por Paradigma.....	14
1.1 Caracterização do verbo.....	14
1.2 A Função Sintática do verbo: Formador da Oração.....	18
1.3 Ensino do Verbo pelo Método de Paradigmas. Ensino Tradicional em que o aluno decora o verbo.	20
1.4 Ensino do Verbo pelo Método Lingüístico Textual	22
1.5 O Ensino do Verbo	27
2 Análise do Córpus — Método de Aula: Sondagem, Teoria Gramatical, Verbo no Texto e Resultados Pós-Intervenção	30
2.1 Sondagem	30
2.2 Teoria Gramamtical	32
2.3 Verbo no Texto.....	32
2.4 Resultados Pós-Intervenção.....	33
3 Considerações Finais	37
Referências	38
Anexos	39

INTRODUÇÃO

Nesta monografia investigaremos o método contextualizado, pelo texto, em que se privilegia o uso do verbo de acordo com os “Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa”. Essa reflexão procura averiguar a viabilidade deste método: a sistematização do paradigma como um passo inicial, a fim de mostrar o quadro morfológico do verbo, lexemas e gramemas¹, em seguida, como passo mais importante, a aprendizagem do verbo no texto, contextualmente, compreendendo o uso dos modos e dos tempos.

Propomos este estudo, devido a um grande número de alunos que saem do Ensino Médio sem saber ler, escrever e se comunicar corretamente, utilizam de gírias, independente do ambiente que estão inseridos. Sabemos que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente; portanto, uma das formas de inserir o aluno nele é o domínio da norma culta, de acordo a norma padrão dos verbos. Não obstante, a prevalência de um ensino (con)textualizado faz-se necessária, e acreditamos, indispensável.

Principalmente, é preciso examinar se as metodologias de ensino de verbo respeitam a adequação de linguagem. Assim dará ferramentas para o aprendiz construir seu próprio espaço na sociedade que tem ao seu dispor um vasto campo de conhecimentos.

Essa aprendizagem se dá no âmbito escolar, sendo o professor responsável em adequar o ensino de acordo com o dia a dia do aluno, ou seja, ao se ensinar verbos, é necessário que haja contextualização, assim o professor consegue enxergar a dificuldade que aluno sente em se expressar verbalmente na escrita e, conseqüentemente, na fala. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o aluno tem que ampliar sua competência discursiva e isso se dá a partir do momento em que o professor deixa de ensinar a regra pela regra e passa a produzir

¹ Sequência morfológica verbal: radical, vogal temática, desinência modo temporal, desinência número pessoal.

significado, colocando o verbo como elemento fundamental no discurso, sendo ele o responsável pela coerência de um texto, a partir disso o aluno consegue aplicar seu conhecimento gramatical em seus próprios textos.

O ensino por meio do paradigma verbal não pode ser fim, mas o meio, ou seja, o processo; o produto é o texto.

O verbo é a estrutura fundamental à composição de uma oração, é a unidade lingüística formadora dos demais elementos da oração, responsável pela organização sintático-semântica.

É importante o ensino de verbos nas escolas, pois de acordo com os objetivos dos PCNs é de que os alunos saibam:

Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso. (PCN, Terceiro e Quarto Ciclo, Língua Portuguesa, 1998, p. 7-8).

Outro motivo está bem especificado nesse trecho do livro *A língua de Eulália*:

Nosso sistema educacional valoriza aquelas crianças que já chegam à escola trazendo na sua bagagem lingüística o português-padrão e expulsa as que não o trazem. Isso é uma grande injustiça, como disse a Vera, porque é exatamente esse português-padrão que deveria ser ensinado na escola, porque ele permite que o aluno originário das classes sociais desfavorecidas se apodere de um recurso fundamental em sua luta contra as desigualdades sociais, tão profundas em nosso país. O domínio da norma-padrão certamente não é uma fórmula mágica que vai permitir ao falante de PNP² “subir na vida” automaticamente. Mas é uma forma que esse falante de PNP tem de lutar em pé de igualdade, com as mesmas armas, ao lado dos cidadãos das classes privilegiadas, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais reservados às elites dominantes. (*A língua de Eulália*, Marcos Bagno, 2001, p. 30).

Sendo assim, daremos nossa parcela de contribuição aos nossos colegas de curso, promovendo reflexões sobre novas metodologias de ensino do verbo.

O objetivo principal será utilizar as novas metodologias que o governo criou para o ensino da rede pública, por meio dos materiais disponíveis como os PCNs, que tem como uma de suas propostas com relação à Língua Materna o ensino dos

²PNP: Português não-padrão.

modos e tempos verbais, por meio de textos. Aplicaremos aos alunos esta nova metodologia, a fim de verificarmos se elas resultam em aprendizagem ou não, sem descartarmos a metalinguagem e a sistematização do paradigma verbal.

Pretendemos promover uma aprendizagem na qual eles saibam utilizar os verbos em um contexto, compreendendo, principalmente, o uso contextualizado dos modos e dos tempos em textos.

Por meio desta reflexão, esta monografia pode servir de gênese a outros trabalhos em nossa comunidade acadêmica.

Também, participar das discussões sobre os novos caminhos para o ensino da gramática, que desprezam a mera assimilação de regras descontextualizadas.

Este método de ensino será desenvolvido por meio de *cópus* de pesquisa fundamentado nos PCNs. Daremos um mini-curso na escola estadual do Distrito de Botafogo - SP; aplicaremos um método: sistematização rápida inicial mais o uso (con)textual.

No primeiro dia faremos uma sondagem fazendo com que os alunos preencham as lacunas do texto “Vira Pó”, da revista Nova Escola, no qual os verbos estarão no infinitivo e eles terão que usar seus conhecimentos para conjugá-los de forma coerente.

Na próxima aula aplicaremos a teoria, mostraremos a importância do verbo na oração, em seguida explicaremos cada modo, tempo verbal, utilizaremos os erros que os alunos tiveram ao preencherem as lacunas, para explicar o conteúdo. E no próximo dia mostraremos sua aplicabilidade no texto, usaremos o conto “Debaixo da Ponte”, do Drummond de Andrade para mostrar aos alunos a função de cada verbo, para depois entregarmos a eles o conto “Nunca descuidando do dever”, da Marina Colasanti para analisarem sozinhos da mesma forma que fizemos no conto anterior.

Durante o processo, ainda no início das aulas, mostraremos o paradigma, como os verbos são organizados e conjugados. Isso dará ferramentas para que os alunos produzam os textos que iremos pedir.

Com isso, na próxima aula, pediremos que de forma individual produzam um artigo de opinião, usando as ocorrências (verbos) que vamos pedir, tendo assim que explicar cada uma, depois recolheremos esse material.

Na última aula terão que novamente preencher as lacunas do texto “Vira pó” para compararmos com o primeiro e ver se houve ou não uma evolução.

Após analisarmos esse *corpus*, considerando a forma como os alunos

aplicaram o modo e tempo verbal em seus textos, a fim de atingirmos os objetivos desta pesquisa: a eficácia de um método contextualizado de ensino de verbo, sem dispersarmos uma sistematização prévia por meio de apresentação do paradigma verbal.

A Monografia está dividida em três partes, o capítulo um contém cinco tópicos e é bibliográfico: colocamos a caracterização, a sintaxe e os métodos de ensino dos verbos segundo teóricos e há um momento em que colocamos nossa opinião, isso no último item. A segunda parte é composta pelo corpus de pesquisa, contendo a aplicabilidade desse método e a explicação dos materiais recolhidos durante o mini-curso, e a terceira parte contém as considerações finais com os resultados. Nas últimas páginas encontram-se as referências e os anexos.

1. Métodos para o Ensino de Verbo: Ensino Contextualizado e Memorização por Paradigma

1.1. Caracterização do verbo

Segundo Sacconi (2005), o verbo é a palavra que pode sofrer flexões de número, tempo e modo. Essas flexões verbais agrupadas podem ser chamadas de **conjunções**; portanto, o verbo é a palavra que pode ser conjugada exprimindo assim uma ação, um estado, um fato ou um fenômeno.

A **flexão de número** é aquela que o verbo pode ser encontrado no singular ou no plural, indicam a quantidade de seres envolvidos no processo verbal. Já no plural é indicado que a quantidade de seres envolvidos no processo é dupla ou múltipla.

De acordo com os exemplos de Cegalla (2004), a **flexão de pessoa** indica as pessoas do discurso (1ª; 2ª; 3ª.).

Ex:	singular	plural
1ª pessoa:	eu <i>penso</i>	nós <i>pensamos</i>
2ª pessoa:	tu <i>pensas</i>	vós <i>pensais</i>
3ª pessoa:	ele <i>pensa</i>	eles <i>pensam</i>

Conforme Sacconi (2005, p.226), a **flexão de modo** indica as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

O **indicativo**, que exprime um fato certo ou positivo: Vou hoje. / Saíram cedo.

O **subjuntivo**, que enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético: é possível que chova. / Se você trabalhasse, não passaria fome. E o **imperativo**, aquele que dá uma ordem, proibição, conselho, pedido: Volte logo. / Não fiquem aqui. /Sejam prudentes.

Na estrutura de um verbo, podem ser encontrados todos estes elementos

estruturais:

O **radical**, parte que sobra ao tirar as terminações, ou seja, elemento básico normalmente invariável; além disso, é o portador do significado. Algumas vezes ele pode ser alterado, mas aparece em toda conjugação. O radical, quando retirado restam os morfemas, que são aqueles elementos que podem aparecer ou não na conjugação. (Ibid, 2005)

Sobre as terminações do verbo, podemos dizer que são variáveis para assim indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número.

Ex:	radical	terminação	radical	terminação
	cant-	ar	cant-	avas
	vend-	er	vend-	ia
	part-	ir	part-	imos
	traz-	er	troux-	eram

Ao observarmos a terminação, encontramos na parte flexiva do verbo pelo menos um destes elementos: A **vogal temática** que é o que caracteriza as conjugações (-a-, -e-, -i-). E o **tema**, ou seja, **o radical acrescido da vogal temática** (ama-, vend-, part-), elemento que recebe as desinências.

Desinência modo-temporal (DMT)

É o elemento que indica o modo e tempo do verbo: por exemplo, na forma *andássemos*, a parte destacada denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Desinência de número-pessoal (DNP)

É o elemento que flexiona e identifica a pessoa e o número: por exemplo, a flexão – *mos* de *partimos* configura a primeira pessoa do plural.

A vogal temática em contato com a vogal da DNP sofre queda. Então, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, os verbos amar, vender e partir ficarão dessa maneira:

Ama > amao > amo;

Vende > vendeo > vendo;

Parti > partio > parto;

A ausência de qualquer um desses elementos estruturais é definido com o morfema zero (\emptyset), ou seja, conjunto vazio.

Vozes do verbo

Quanto à voz, os verbos se classificam em: **ativos, passivos e reflexivos**.

Ao que diz Cegalla (2004, p.168, 171), a voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito; portanto, são três essas formas:

A **voz ativa**, que é aquela quando um verbo se encontra como sujeito agente, ou seja, faz a ação expressa pelo verbo.

Enquanto isso, o verbo se encontra na **voz passiva** quando o sujeito é paciente, ou seja, ele sofre, recebe, ou desfruta a ação expressa pelo verbo. *Obs.: Apenas verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.*

Para entendermos a voz passiva, podemos dizer que ela é frequentemente formada pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Então neste caso a voz passa a ser *passiva analítica*.

Com o pronome apassivador “se” associado a um verbo ativo da 3ª pessoa, teremos a *voz passiva pronominal*.

Já a voz reflexiva, encontramos o sujeito ao mesmo tempo como agente e paciente, ou seja, faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe.

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos: *me, te, se, nos, vos, se*. Estes pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar: *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente.

Há também uma variante da voz reflexiva que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Normalmente os verbos são utilizados no plural e podem ser reforçados pelas expressões: *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*.

Transitividade do verbo

De acordo com Maria Helena de Moura Neves (2003, p.59), a transitividade é responsável pela organização semântica da frase e pela seleção de funções sintáticas na estrutura de uma frase.

O verbo é classificado em transitivo, que são aqueles de predicação incompleta; ou intransitivo, aquele de predicação completa. Os transitivos se subdividem em transitivo direto; transitivo indireto e transitivo direto e indireto, ou seja, bitransitivos.

Transitivo: É o verbo considerado de **sentido incompleto**, que exige complemento que lhe integre o sentido. Esse pode ou não vir revelado na oração.

Transitivo direto: é aquele que vem acompanhado de um objeto sem preposição obrigatória (objeto direto ou objeto direto preposicionado).

Ex: O aluno comprou os livros que havíamos solicitado.
transitivo direto objeto direto

O exemplo traz um verbo transitivo direto, pois o verbo *comprar* exige complemento para inteirar seu sentido. Quando se *compra*, compra-se obrigatoriamente *algo*.

O complemento do verbo é chamado de “objeto”, quando esse objeto é ligado ao verbo sem intervenção de uma preposição é chamado de “objeto direto”, assim o verbo torna-se “verbo transitivo direto”.

Há também o “objeto direto preposicionado”, esse é ligado ao verbo por uma preposição não obrigatória.

Ex: A bruxa bebeu de sua poção mágica.
transitivo complemento com preposição
 direto não obrigatória

Transitivo indireto: esse vem acompanhado de um objeto com preposição obrigatória (objeto indireto).

Ex: Os filhos devem obedecer aos pais.
transitivo indireto objeto indireto (preposição obrigatória)

O exemplo traz um verbo que requer complemento para integrar seu sentido, pois quem “obedece”, obedece, necessariamente, a alguém ou algo. Esse complemento ligado ao verbo com a intervenção de uma preposição é chamado de “objeto indireto”.

- **Transitivo direto e indireto:** aquele que vem acompanhado de um objeto *sem* preposição (objeto direto) e de um objeto com preposição (objeto indireto).

Ex: O jornal dedicou uma página ao episódio.
verbo transitivo objeto direto objeto indireto
 direto e indireto

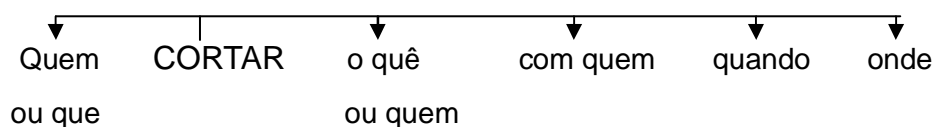
- **Intransitivo:** É o verbo considerado de *sentido completo*, que não exige complemento que lhe integre o sentido.

Ex: A criança dorme.

Português” (2000), o processo de construção das orações é essencialmente gramatical e para forma-lá é necessário que se tenha um predicado, representado pelo verbo ou por um adjetivo, desde que este esteja construído com um verbo de ligação.

No seu outro livro “Texto e Gramática” (2006, p.39), Maria Helena diz que “Outra consideração importante no desenvolvimento da visão de que a predicação pode e deve ser examinada como peça fundamental da organização textual é a da centralidade do verbo...”, ela coloca também que essa noção já era trabalhada com o conceito de valência por J. W. Meiner em 1781 (apud NEVES, 2006, p.39), que colocava o verbo como centro da oração e o sujeito entre os complementos.

Também na teoria de Tesnière (1959) (apud NEVES, 2006, p.39), com sua “gramática de dependência”, coloca o verbo como gerador dos outros elementos da frase, por exemplo, o verbo “Cortar”:



Portanto, sem os verbos não há oração, eles são fundamentais para a constituição delas, o que não ocorre com o sujeito, por exemplo, que pode estar ausente nela, tanto que as orações são classificadas conforme o número de núcleos verbais existentes nos predicados verbais, como:

É comum, no interior do país, surpreender crianças com doenças graves.

É: verbo = núcleo do predicado “é comum”;

Surpreender: verbo = núcleo do predicado “surpreender crianças”.

Conforme o sítio vestibular 1, o verbo tem característica de dinamicidade, pois denota os seus movimentos, diferentemente dos substantivos, adjetivos que indicam propriedades estáticas dos seres.

Então, verbo é a palavra que expressa processos como, ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, conveniência, desejo e existência, numa perspectiva temporal, presente, pretérito ou futuro, do indicativo, subjuntivo e imperativo.

Ex: Uma mulher já caiu nesse chão molhado.

Cair: verbo: ação que expressa a dinamicidade da “mulher”.

Por enquanto, os bichos da mata continuam indefesos.

Continuar: verbo = estado que expressa a dinamicidade dos “bichos”.

Anoitecia rapidamente.

Anoitecer: verbo = fenômeno dinâmico da “natureza”.

Convém esperar que ele dê o recado.

Convir: verbo = conveniência que expressa a dinamicidade de “esperar”.

Os estudantes almejam um bom emprego.

Almejar: verbo = desejo que expressa a dinamicidade dos “estudantes”.

Houve correria no momento dos tiros.

Haver: verbo existência que expressa a dinamicidade de “correria”.

Para investigar essas significações das formas verbais, é necessário que elas sejam investigadas também na sua função de conjugação modo-temporal do enunciado, pois os verbos tecem as propriedades que constroem o texto, inserindo essas relações nas coordenadas da enunciação.

1.3. Ensino do Verbo pelo Método de Paradigmas. Ensino Tradicional em que o aluno decora o verbo.

A aprendizagem da conjugação verbal é considerada difícil pelos alunos, devido à grande variedade de formas verbais, número de exceções e irregularidades existentes nos verbos mais freqüentes da língua (Travaglia, 2003).

Tradicionalmente, esse ensino é feito nas escolas com o uso de livros didáticos, que apresentam uma relação de verbos já conjugados e algumas noções de tempos e modos verbais. O aluno, como já possui o seu próprio conhecimento lingüístico, ao estudar essas conjugações, acaba por decorá-las. Posteriormente, é pedido a ele para exercer a conjugação (flexão) de outros verbos e comparar com as

do livro. O inconveniente dessa forma de ensino é limitar o número de verbos àqueles contidos no material do aluno, ou seja, o livro didático (Travaglia, 2003).

O ensino do verbo por paradigma, ajuda o aluno a entender, segundo Travaglia (2003, p.162):

- a) a alternância vocálica, no campo fonológico, como: eu como, tu comes, ele/você come, nós comemos, vós comeis, eles/ vocês comem;
- b) os morfemas flexionais (desinências) e a conjugação do verbo, que é composto por: radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal, isso na morfologia;
- c) na sua função sintática, por exemplo, a concordância do sujeito e de outros elementos de concordância com a flexão do verbo;
- d) e no campo da semântica, os efeitos de sentido que um verbo pode causar quando a flexão verbal é usada em um texto em uma dessas categorias, tempo, modalidade, número, pessoa;
- e) a memorização da conjugação verbal por meio de analogia, como: o verbo intervir “ele entrevistou ou interveio”, é só lembrar do verbo vir “ele viu ou veio”, para fazer a conjugação correta;
- f) o paradigma ajuda também o aluno a memorizar a conjugação, pois se decorar a 1ª pessoa do singular, ele consegue conjugar o restante.

Travaglia (2003) diz também que é preciso mostrar a funcionalidade do verbo para o aluno, nos níveis lexical, frasal e textual. E distinguir coisas como, forma x categoria:

Forma (tempos flexionados do verbo): presente do indicativo, pretéritos imperfeitos, perfeito e mais que perfeito do indicativo, futuros do presente e do pretérito, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo e as formas nominais. E modo: indicativo, subjuntivo e imperativo.

Categoria (tempo verbal): passado, passado até o presente, presente, presente para o futuro, futuro, onitemporal. E modalidade: certeza, possibilidade, ordem, prescrição, obrigação, proibição, necessidade, volição.

Devemos desenvolver nos alunos habilidade automática do uso dessas flexões verbais; para isso, devemos trabalhar atividades de gramática de uso. E também confrontar as diferenças de flexões verbais da variedade culta, com as das variedades não-cultas, por exemplo: “seja/ seje, tesse/ tivesse, ponhá/ pôr etc”

(Travaglia, p.166). Ou então, mostrar a troca do período simples pelo composto, no qual os alunos usam mais, como: “eu cantaria se ... por eu teria cantado se ...” (Benito, 2007).

O ensino de verbo não pode ser considerado como começo, meio e fim, e sim, o meio, o processo, utilizando-o como base, para que o aluno saiba empregá-lo em um contexto, dando importância às suas situações de uso, suas possibilidades significativas e sua adequação à produção de efeitos de sentido.

1.4. Ensino do Verbo pelo Método Linguístico Textual

Ao contextualizar o ensino verbal, por meio da sistematização, é importante que o professor mostre as formas do verbo em seu funcionamento em textos, em situações diferentes e possíveis empregos de cada forma e suas possibilidades significativas, para que o aluno saiba quando e como usar esses recursos.

Portanto, ao falarmos de situações diferentes, seria mostrar a tipologia dos verbos e a importância de cada um no texto, como:

O modo indicativo indica o tempo da certeza, ficando assim:

a) presente do indicativo

“Fato que ocorre no momento em que se fala (presente), fato passado, fato futuro, fato habitual, fato sobre o qual se tem certeza, comprometimento do produtor do texto com o que diz etc.,” (Travaglia, 2003, p.172).

b) pretérito imperfeito do indicativo

“Fato passado em curso, fato passado em cursos simultâneo a outro, fato habitual passado, fato em cuja realidade não se acredita, cortesia etc.,” (Travaglia, 2003, p.172).

c) pretérito mais que perfeito do indicativo

“Fato passado anterior a outro também passado, fato acabado, anterioridade da situação que expressa em relação à outra situação qualquer, o que tem funções na ordenação textual de situações em correlação com a ordenação cronológica das mesmas situações etc.,” (Travaglia, 2003, p.172).

d) futuro do pretérito

“Possibilidade para a situação indicada; de não comprometimento do produtor do texto com o que diz, inclusive porque, em muitos casos, possibilita a voz de outro

que seria o responsável pelo que se diz; de fato passado posterior a outro também passado; cortesia etc.;" (Travaglia, 2003, p.172).

O modo subjuntivo expressa hipótese, desejo, dúvida, como:

e) presente do subjuntivo

Esse contrasta com o indicativo, então em duas orações, como: "garanto *que* ele **estuda**" e "suponho/ espero/ duvido *que* ele **estude**", podemos perceber respectivamente, que o indicativo, como sempre, expressará uma ação certa confirmada no presente e o subjuntivo presente não, ocorre uma dúvida, desejo ou hipótese do sujeito. Também aceita a conjugação "que". (Benito, 2009).

a) pretérito imperfeito do subjuntivo

Essa ocorrência necessita de uma outra oração complementar e expressa ações incertas, hipotéticas ou desejadas no passado. Imperfeito porque não é pontual, não se sabe quando aconteceu. E aceita as conjugações *se* ou *que*. Sendo assim, observe: "seria interessante *se* você **cantasse** esta canção", "eu supunha/ esperava/ duvidava *que* ele **trabalhasse**". (Benito, 2009).

b) futuro do subjuntivo

Assim como a ocorrência anterior, essa também precisa de uma outra oração complementar. Expressa ação que, se ocorrer, condiciona a ação citada na segunda frase do par, então a ação dependente só se efetiva se a condicionante vier a ocorrer. Também aceita as conjugações "quando" e "se". Por exemplo: "*se* você **souber** a hora de agir, / *vencerá*", "*quando* **fores** mais maduro, / *te explico tudo*". (Benito, 2009).

O modo imperativo indica ordem, pedido, como:

Existem duas ocorrências no modo imperativo: imperativo afirmativo, que é usado para manifestar ordem, apelo pela concretização da ação; imperativo negativo: que expressa ações não realizadas que o falante quer ver consumadas. (Benito, 2009).

O imperativo não tem flexões de primeira pessoa, por exemplo: "**Cumpra** as tarefas que te cabem" ou "não **feche** essa porta". (Benito, 2009).

Usa-se as conjugações do presente do subjuntivo e indicativo, para conjugar o verbo do imperativo presente e presente do subjuntivo para conjugar a do imperativo negativo: (Benito, 2009).

“**Canta** tu” presente do indicativo

“**Cante** você” presente do subjuntivo

“**Cantemos** nós” presente do subjuntivo

“**Cantai** vós” presente do indicativo

“**Cantem** vocês” presente do subjuntivo

“Não **cantes** tu” presente do subjuntivo

“Não **cante** você” presente do subjuntivo

“Não **cantemos** nós” presente do subjuntivo

“Não **canteis** vós” presente do subjuntivo

“Não **cantem** vocês” presente do subjuntivo

O imperativo porta um futuro implícito, pois se supõe que a ação ainda não se realizou e, se vier a se realizar será posteriormente à emissão da frase.

Com relação às diferentes formas verbais, teremos as flexões morfológicas:

- a) Regular: são os verbos que se conjugam de acordo com o paradigma de cada conjugação, o radical não muda, por exemplo, o verbo *cantar* – canto, cantas, canta. (Benito, 2009).
- b) Irregular: são verbos que se afastam do modelo de sua conjugação, o radical muda, por exemplo, o verbo *fazer* – faz, fiz, façamos. (Benito, 2009).
- c) Anômalo: esses apresentam profundas irregularidades, o paradigma muda completamente na conjugação, como: verbo *ser* – é, foi, será. (Benito, 2009).
- d) Defectivo: apresentam deficiência, pois não são conjugados em todas as pessoas, tempos ou modos, por exemplo, verbo *chover*. (Benito, 2009).
- e) Auxiliar: esse verbo perde o seu significado próprio, ele é flexionado de acordo com o verbo principal, como, “vou *viajar* amanhã”. (Benito, 2009).
- f) Principal: o verbo principal aparece numa forma nominal: gerúndio, infinitivo ou particípio, como, “*vou* viajar amanhã”. (Benito, 2009).
- g) Pessoal: é o verbo que tem sujeito: “*viajarei* amanhã”. (Benito, 2009).
- h) Impessoal: o verbo não possui sujeito que pratica a ação: “*são* duas horas”. (Benito, 2009).
- i) Locução verbal: combinações de verbos, produzindo formas compostas, são usadas com verbos auxiliares, que normalmente são: ter, haver e ser, estar.

(Benito, 2009). Exemplo: “Tenho visto cada uma”

E não podemos deixar de citar as formas nominais, que dependendo do contexto, podem funcionar como substantivo, adjetivo ou advérbio, que são:

Infinitivo: o verbo termina em R, que corresponde ao nome do verbo, “Eu vou *cantar* amanhã”, mas que num contexto ele pode se tornar substantivo, quando colocado um artigo antes do verbo: “O *cantar* revigora as pessoas”. (Benito, 2009)

Particípio passado: quando a forma verbal termina em “DO”, e que num contexto ele pode se tornar um adjetivo: “O homem foi *exilado* pelos inimigos”. (Benito, 2009).

Gerúndio: sua terminação é “NDO”, pode ser classificado num contexto por adjetivo e advérbio: “O homem está *cantando*” (adjetivo) e “Este homem fala *cantando*” (advérbio). (Benito, 2009).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a série, a escola assumiu para si a responsabilidade de formar alunos capazes de produzir textos eficientes em qualquer situação, de interpretar os diferentes textos que circulam, para isso e muitos outros saberes é preciso o desenvolvimento das habilidades fala e escrita, necessários para qualquer situação de uso.

O PCN do ensino médio dá continuidade a essa responsabilidade:

A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Armá-lo para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio social da língua. (Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio, 2000, p.22).

Geraldi (2003) diz que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, e criar condições para que ele possa ser aprendido, devido aos valores que ele tem não podem ser negados. E também não é verdade que o português padrão é difícil, pois o não – padrão os alunos já sabem, falar em não ensina-lo é o mesmo que tirar o português da escola.

É caro, que o professor, não deve ignorar a bagagem cultural do aluno, pois cada um traz consigo uma variedade lingüística, como está no PCN:

A abordagem da norma padrão deve considerar a sua representatividade, como variante lingüística de determinado grupo social, e o valor atribuído a ela, no contexto das legitimações sociais. Aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade. (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ensino Médio, p.7).

O que se deve fazer, segundo Travaglia (2003, p. 28), “é alertar as pessoas para a questão das variedades lingüísticas, os dialetos e registros que toda língua possui”. Mostrando essas variantes, é necessário que o docente apresente a norma padrão, como se fosse uma “etiqueta social” como diz Travaglia (2003, p.28), que a sociedade valoriza.

Essas variações devem ser mostradas em suas situações de uso como, comparadas ao uso de uma roupa, deve-se adequá-la ao ambiente, por exemplo, um advogado numa praia não iria de terno e gravata, assim como num tribunal não iria de sunga. Está correto que ele use os dois tipos de traje, o que ele deve fazer é adequá-los de acordo com o ambiente, o mesmo acontece com as variantes da língua, para tornar o aluno um falante competente, é necessário que ele aprenda a usar adequadamente a língua, nas mais diversas situações de uso.

O PCN do Ensino Médio cita que “O estudo de língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade” (2000, p.18). Esse é um dos motivos da proposta do ensino de gramática ser contextualizada, “O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise/ síntese” (2000, p.19). Sendo assim, as atividades de ensino devem estar voltadas para o ensino – aprendizagem da língua, envolvendo um trabalho com a leitura, produção textual e análise gramatical, essa para fazer com que o ensino de língua materna tenha um significado para o aluno e que por meio dessa construção de significados, o professor consiga desenvolver uma das habilidades proposta no PCN do Ensino Médio, “Dessa forma, consciente e responsável, o aluno poderá fazer previsões e escolhas adequadas na fala/ escrita.” (2000, p.22)

O ensino de língua portuguesa não pode ser artificial, se fosse ficaria uma aprendizagem, por parte do aluno, só para a escola e não para a vida.

1.5. O ensino do verbo

Segundo Travaglia (2003, p. 155, 157), o ensino de gramática de modo sistemático e organizado se dispõe a trabalhar diversas competências como: comunicação, cultura, descrição analítica e social. Habilidades nas quais os alunos necessitam desenvolver para sua ação com a língua.

Ao estudarmos a gramática, entraremos no estudo do verbo de modo que exemplificaremos uma maneira de se programar esse estudo. Para que isso ocorra é importante ver o que a escola tem trabalhado em relação ao verbo, como e quando; apresentar a importância do estudo do verbo na passagem pela escola. A idéia que temos é de ensinar a estrutura da língua, de forma prática, para que os alunos escrevam e se comuniquem melhor.

E esperamos que o discente domine a norma culta, para que diante de situações formais com pessoas cultas e letradas, que surgirão ao longo de sua vida, ele não se sinta constrangido e sim capaz de se comunicar a se adequar ao ambiente, sem que seja discriminado, devido sua classe social; poderá também, desfrutar de obras literárias, compreender melhor publicações científicas etc.

Nos últimos tempos, muito se tem discutido sobre o ensino de gramática nas escolas, chegaram até a questionar se deveria ter ou não, falam em aulas diferenciadas, menos conteudísticas, principalmente nas escolas públicas. Mas como tirar a gramática da escola pública se o mais cobrado dos alunos nos grandes vestibulares das universidades estaduais e federais são os conteúdos gramaticais, entre outros.

Hoje o que vemos é uma idéia generalizada, de que o ensino nas escolas da rede pública deve ser por meio de textos, há muitos materiais teóricos sobre esse assunto, podemos observar isso no nosso próprio material, a quantidade de citações. Então o que fica na dúvida é como ensinar essa gramática, como ensinar o verbo.

Entendemos que num primeiro momento o ensino de língua não pode ser visto somente como um objeto, mas também como meio para o conhecimento, ou seja, a matéria não pode ser somente ensinada de modo fragmentado, descontextualizando o ensino no exercício mecânico e repetitivo; sem levar em conta o conhecimento prévio do aluno, suas experiências já vividas; para que eles possam ter uma aprendizagem significativa.

O texto também não deve ser somente analisado como uma organização de frases e palavras, e sim interpretado de modo a transcender, ou seja, num sentido mais amplo, como uma forma de representação de valores, tensões, e desejos de pessoas, inseridos em diversos contextos sociais, em um momento histórico determinado. Numa perspectiva textual, é importante o professor trabalhar com textos de tipologias variadas e adequadas às diferentes situações que estejam sendo vivenciadas pelos alunos.

É lógico também que não há um único modelo a ser seguido por todos, mas é uma idéia para o docente explorar esses textos, para ensinar verbos nas mais diferentes situações de uso.

Uma das dificuldades observadas quanto à aprendizagem dos verbos refere-se justamente à complexidade que representa para os estudantes, de uma maneira geral, "memorizar" ou "decorar" tempos verbais e outros elementos associados ao tema e piora quando o professor limita essa aprendizagem, utilizando somente um material, o livro didático.

Tem-se essa proposta na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), no qual, apresenta um ponto negativo, colocando que a sistematização da gramática seguirá o livro didático, mas apresenta aspectos positivos, quando coloca a importância de momentos de sistematização do ensino dessa gramática.

Como já foi visto em nosso trabalho, está sendo estudado o aspecto morfossintático do verbo. Através destes estudos observamos alguns pontos positivos e outros negativos de se trabalhar o verbo em forma de texto ou por paradigma dentro das escolas.

Ao vermos que o verbo constitui uma classe de palavras muito importante dentro da construção do texto, podemos observar que, o verbo, ao ser ensinado única e exclusivamente por método de paradigmas, o professor fará com que o aluno decore listas e mais listas de verbos, desinências número-pessoais e modo temporais e muitas exceções a regras. Portanto, através deste método, acabam deixando de lado considerações muito importantes e outras menos importantes que têm sido reafirmadas, repetidas e cobradas intensivamente dos alunos, fazendo assim com que eles se sintam verdadeiros incompetentes.

Por outro lado, o verbo ao ser ensinado por um método através de textos, podemos ver que é possível ensinar mais sobre verbos do que aquilo que os livros didáticos têm oferecido ou que os professores têm trabalhado. Dessa forma, é

possível o estudo gramatical diferenciado, pois ao utilizar-se o plano textual discursivo no método de ensino, levará o aluno ao desenvolvimento da competência comunicativa e escrita; com isso, o professor não precisa usar somente textos de terceiros de tipologias variadas, mas os produzidos pelos próprios alunos, para que sejam o ponto de partida e também o de chegada para o aprendizado de gramática nos terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental e no ensino médio.

Concluindo, o ensino de verbo deve ter um momento de sistematização, por vários motivos, já citados no item 1.3, sendo um deles, para criar familiarização com a conjugação, de modo a criar formas para que o aluno consiga memorizar sua flexão, uma dessas formas é fazendo analogias de palavras menos usadas por eles com as mais usadas ou mostrando que aprendendo a conjugar a primeira pessoa com um verbo fácil como “cantar”, consegue conjugar todas as outras pessoas, e ao conseguir conjugar todas, consegue conjugar qualquer outra palavra. Mas só a sistematização não fará com que o aluno fale, leia ou escreva melhor, como já foi citado em várias teorias.

Portanto, no texto, no qual é mais importante que o paradigma, deve-se trabalhar o funcionamento do verbo, como já foi citado no item 1.4, de modo que o aluno entenda e consiga explicar qual é a sua importância, que ele entenda que um texto e até a fala, só consegue indicar temporalidade devido ao verbo, dando coerência ao utilizar as combinações de conjugações dos tempos nas orações e que só obtém certeza, desejo, ordem etc, também devido ao verbo.

Um professor que consiga fazer o aluno entender o uso do verbo, sem deixá-lo com aversão da língua, com certeza contribuirá para torná-lo competente linguisticamente falando, pois o ensino de Língua Portuguesa vai além de meras informações, seu objetivo é formar o aluno para o mundo do conhecimento por meio da linguagem.

Como diz Travaglia (2003), no ensino, deveríamos tratar mais de como significar, como usamos as palavras para significar por que tudo na língua é discursivo, isto é, é feito para funcionar na língua textualmente, para a comunicação.

2. Análise do Córpus — Método de Aula: Sondagem, Teoria Gramatical, Verbo no Texto e Resultados Pós-Intervenção

2.1. Sondagem

O texto aplicado para sondagem chama-se “Vira Pó” da revista Nova Escola; optamos por ele, pois foi possível encontrar todas as conjugações verbais de modo e tempo, então colocamos lacunas no lugar dos verbos flexionados e os indicamos na sua forma infinitiva, para que os alunos pudessem conjugá-los.

O primeiro objetivo da sondagem era verificarmos o conhecimento prévio dos alunos, isso foi possível, pois na aula em que passamos a teoria retiramos os erros mais frequentes entre eles e explicamos a forma correta; para isso, utilizamos outros exemplos.

O segundo objetivo era para vermos a evolução desses alunos, visto que aplicaríamos o mesmo texto para o preenchimento das mesmas lacunas no último dia de curso, mas houve um imprevisto. Na primeira vez que aplicamos o texto pedimos para que fizessem em duplas, pois era uma sala muito numerosa, com aproximadamente quarenta alunos, mas no último dia de curso, eles não permaneceram com as mesmas duplas na realização da atividade, mesmo sendo pedido pela professora. Portanto, não terá como fazer essa comparação.

Apesar desse problema, iremos analisar um texto “Vira pó” de uma dupla de alunos (anexo A) que nos chamou atenção para alguns detalhes que iremos mostrar logo abaixo e também utilizaremos um texto de outra dupla (anexo B) representando os erros mais comuns entre todas elas que entregaram no primeiro dia. E, para não descartarmos a última atividade, analisaremos os textos “Vira Pó” no item 2.4, já que há muitas informações importantes.

Visto que os alunos sabem conjugar os verbos desde pequenos, quando aplicamos o texto “Virá pó” queríamos ver como eles preencheriam as lacunas das conjugações verbais menos utilizadas na fala. Então, no anexo A percebemos que a dupla de alunos possui um conhecimento prévio sobre conjugação verbal ao

flexionar um pouco falado pelas pessoas na sua forma simples e não composta, que é o pretérito mais que perfeito do indicativo “saíra”, normalmente as pessoas dizem “tinha saído”, eles foram os únicos que usaram essa flexão, o restante usou o pretérito perfeito e imperfeito do indicativo como no anexo B.

Em contrapartida, três erros nos chamaram a atenção, visto que dezessete duplas nos devolveram os textos respondido e todos erraram como o verbo *imaginar* ficaria conjugado como *imaginaria* (futuro do pretérito do indicativo), *perguntar* sua conjugação no texto ficaria *perguntarem* (futuro do subjuntivo), em seguida o verbo *responder* sua conjugação seria *responderá* (futuro do presente do indicativo), a dupla do anexo A, B e todas as outras colocaram as conjugações verbais mais usadas por eles que é o pretérito perfeito e imperfeito do indicativo.

Também um outro erro comum foi na conjugação do verbo *ser*, onze duplas erraram colocando a flexão do verbo como *seria* ou *sendo* no lugar de *era* como no anexo B, a explicação para isso é a falta de atenção, ao invés deles analisarem o contexto para o preenchimento da lacuna, eles leram somente a frase e colocaram a conjugação que combinava, como se fosse uma frase isolada.

O mesmo erro aconteceu com o verbo *tentar*, sua conjugação correta era *tente* (presente do subjuntivo), no anexo A colocaram *tentasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) assim como o anexo B e houve várias duplas que fizeram da mesma forma, também usaram *tenta-se* (presente do indicativo com partícula apassivadora *se*), mas essa eles erraram na grafia, pois o objetivo era dizer *tentasse*, isso porque não observaram que era o pensamento da personagem e que estava no presente.

Os verbos *ter*, *for*, *estar*, respectivamente conjugados no texto como *teve*, *fosse* e *está*, nos anexos A e B estão corretos assim como as outras duplas fizeram. São conjugações fáceis, já usadas por eles, principalmente o *teve* que é uma linguagem informal.

E as conjugações no modo imperativo negativo e afirmativo que estão presentes no texto como o verbo *cantar* – *cante*, *respirar* – *respire*, *olhar* – *olhe*, no anexo A flexionaram de forma correta. Já o anexo B a dupla se confundiu um pouco, escreveu da mesma forma que se fala no *cante*, por exemplo, eles colocaram *canti* com “i” no final e o *respirar* conjugou como subjuntivo, mesmo com a ajuda que demos no verbo *sentar*, pois deixamos conjugado como *sente* propositalmente, para vermos se eles não confundiriam com o subjuntivo, mas foi o que aconteceu com a maioria.

2.2. Teoria Gramatical

Após a sondagem, em uma outra aula, passamos na lousa os morfemas verbais que são: vogal temática, radical, desinência de modo temporal e de número pessoal, explicamos de forma rápida, pois passamos por essa parte só para os alunos entenderem como funciona a flexão de cada verbo.

Em seguida entramos na parte principal que é o modo e o tempo verbal, explicamos o significado de cada um como está no item 1.4 “Ao contextualizar o ensino verbal, por meio da sistematização, é importante que o professor mostre as formas do verbo em seu funcionamento em textos, em situações diferentes e possíveis empregos de cada forma e suas possibilidades significativas, para que o aluno saiba quando e como usar esses recursos.”, ou seja, explicamos o que é indicativo, subjuntivo, imperativo e como utilizar o presente, pretérito perfeito, imperfeito, mais que perfeito, futuro, futuro do presente e do pretérito etc.

Usamos frases para exemplificar e utilizamos também as conjugações que a maioria dos alunos errou no texto “Vira Pó” em outras orações como o verbo *tentar*, no texto era para ser conjugado como *tente*, mas a maioria conjugou *tentasse* (anexos A e B) ou *tenta-se*, então aproveitamos esse e outros erros, como descritos no item 2.1 para explicarmos a diferença de cada um e como devem ser usados.

Para explicarmos o funcionamento do modo e tempo verbal no texto, usamos o conto “Debaixo da Ponte” de Carlos Drummond de Andrade que será detalhado no próximo item.

2.3. Verbo no Texto

Utilizamos o conto de Carlos Drummond de Andrade “Debaixo da Ponte” (anexo C), pois ele trabalha com vários tempos e modos verbais, além disso, trata-se de um assunto muito atual e principalmente social que é a fome e a miséria. Então, entregamos o texto e explicamos como funciona essa teoria dos verbos contextualizados nos dois primeiros parágrafos e aproveitamos para fazer uma ponte com a análise literária do conto.

Na seqüência, pedimos para que eles encontrassem os verbos que estavam conjugados no restante do texto e justificá-los, para assim praticar toda aquela teoria que havíamos passado. Quando terminaram corrigimos juntos.

Após esse conto, entregamos um outro diferente da Marina Colasant “Nunca descuidando do dever”, em seguida pedimos para que os alunos levassem para casa e indicassem o modo e o tempo verbal dos verbos que estavam sublinhados dentro do texto, a atividade podia ser feita em grupos de quatro alunos.

Recolhemos dez exercícios feitos, mas apenas dois grupos tentaram justificar os verbos. No anexo D os alunos indicaram os modos, tempos verbais e justificaram corretamente de acordo com os exemplos que havíamos feito na atividade anterior, porém deixaram um verbo para trás “dava”, não sabemos se eles esqueceram ou se não conseguiram fazer.

Já no anexo E, o grupo fez todos os verbos, mas erraram mais da metade dos modos verbais e tentaram fazer as justificativas com exemplos retirados do texto, se atrapalharam um pouco, não deixaram claro o que eles queriam dizer e nós ficamos sem entender as justificativas, mas eles tentaram justificar da forma que entenderam e isso é relevante, mesmo porque eles anotaram todas as informações que passamos durante as aulas no canto da folha para facilitar na hora de fazer o exercício, isso mostra que prestaram atenção.

Depois de aplicarmos a função de cada tempo e modo verbal no texto, trabalhamos com o paradigma, essa parte os alunos não gostaram, passamos na lousa a conjugação do verbo cantar, devido a sua simplicidade facilita a conjugação de qualquer outro verbo e foi o que fizemos, após conjugarmos na lousa pedimos para os alunos conjugarem verbalmente o verbo ver, nós os ajudamos. Aproveitamos para trabalhar as grafias corretas dos verbos ao serem conjugados como: seja/ seje, tivesse / tivesse, veja/ veja, entre outros.

2.4. Resultados Pós-Intervenção

Até o item 2.3 não houve a intervenção da professora efetiva da sala, talvez isso tenha influenciado no desenvolvimento das atividades, visto que nem todos estavam levando a sério. A partir da atividade no qual descreveremos que foi o artigo de opinião, houve a participação dela, pois estava trabalhando com esse gênero textual com os alunos, ela disse que a produção desse artigo valeria para a matéria dela também, portanto o resultado foi melhor.

Ao começarmos a aula colocamos o tema na lousa, “toque de recolher para menores de dezoito anos”, para debate e desenvolvimento dos artigos. Os alunos

não discutiram muito sobre o tema, somente uma aluna deu sua opinião; como prevíamos isso, levamos algumas críticas de advogados, psicólogas e até de uma menor de idade retirados da internet para contribuir na produção do texto.

Após a discussão produzimos o nosso artigo na lousa e colocamos três ocorrências: no futuro do subjuntivo, imperativo afirmativo e presente do indicativo, os alunos fizeram o mesmo. Mas falhamos ao darmos as mesmas ocorrências aos alunos, isso fez com que alguns deles copiassem a justificativa das ocorrências e até o verbo que colocamos, mesmo assim, o trabalho não foi perdido, pois eles tiveram que saber aplicar as ocorrências no texto, já que a opinião e o artigo deles ficaram diferentes do nosso e houve quem adaptasse a justificativa.

Dos dezenove alunos que entregaram o artigo de opinião onze fizeram as ocorrências e justificaram cada uma, sete só produziram o texto e não colocaram as ocorrências, uma só colocou as ocorrências e não justificou.

Dentre os onze selecionamos quatro para analisarmos, o primeiro é o anexo F, ela usou todas as ocorrências de forma correta e justificou todas da mesma forma que colocamos na lousa, porém usou verbos diferentes do nosso, exceto o *pense*. Mesmo assim, ela soube aplicar cada um no contexto do seu artigo dando coerência no texto.

A aluna do anexo G produziu um texto coerente, colocou as três ocorrências e justificou todas, porém errou uma, ela colocou o verbo *considerare* como imperativo afirmativo, sendo ele presente do subjuntivo e também não soube aplicá-lo no texto, pois deixou a oração incoerente. É comum os alunos confundirem o presente do indicativo com o subjuntivo, devido a isso é importante frisar a diferença desses modos.

O anexo H também é um texto coerente, percebemos que o aluno soube contextualizar as ocorrências, acertou todas, mas errou na concordância frasal de uma ao colocar *deve*, o correto seria *devem*, mas se o colocasse não seria mais imperativo afirmativo e sim presente do indicativo. A terceira pessoa do plural do imperativo seria *devam* (vocês) o que deixaria a oração também incoerente.

O anexo H assim como o G, se preocuparam mais em acertar a conjugação verbal que a coerência do texto e um dos objetivos desse método é justamente fazer com que eles aprendam a colocar um verbo flexionado num texto propositalmente, devido a cada modo ter um significado diferente, portanto, o professor tem que

lembrá-los sempre que não é só colocar o verbo conjugado, precisa haver uma coerência entre ele e o contexto.

No anexo I, houve um erro quando a aluna confundiu o futuro do subjuntivo com o pretérito imperfeito do subjuntivo no verbo *soubessem*, acreditamos que isso aconteceu, devido a palavra “se” anteceder o verbo, pois dissemos a eles que o subjuntivo vem acompanhado de *que, se e quando*, sendo que no futuro aceita tanto o “se” quanto o “quando”.

Quanto às conjugações de modo e tempo verbal e justificativas consideramos tudo correto, pois a aluna produziu um texto coerente, ela soube usar todas as ocorrências e melhor não copiou nada nosso, ela justificou cada uma da forma que entendeu.

A última atividade foi novamente a entrega do texto “Vira Pó” para o preenchimento das lacunas, das dezenove duplas que entregaram, iremos analisar seis, com os erros e acertos mais freqüentes.

Então, o anexo J a aluna conseguiu preencher todas as lacunas corretamente, foi a única, os outros erraram pelo menos um dos tempos verbais menos usadas por eles como o anexo L, em que a dupla errou a conjugação do verbo *responder* - *responderá* que seria futuro do presente do indicativo e não *respondeu* pretérito perfeito, mesmo eles tendo acertado os outros, acreditamos que continuaram colocando o que é mais fácil e usado por eles, assim como, a dupla do anexo M que também erraram no verbo *responder* e no verbo *sair* – *saíra* pretérito mais que perfeito do indicativo, nas duas conjugações colocaram pretérito perfeito.

O mesmo aconteceu nos anexos N e O com o verbo *imaginar* - *imaginaria* futuro do pretérito do indicativo, eles também colocaram o pretérito perfeito do indicativo por analisar somente a frase e não o contexto.

O anexo O foi o único dos seis analisados que continuaram com o mesmo erro da primeira vez que entregamos o texto que é no verbo *ser* – *era* pretérito imperfeito do indicativo, eles preencheram a lacuna com a flexão *seria*, consideramos que as alunas observaram a frase isoladamente, já que essa conjugação faz sentido, mas fora do contexto.

A dupla do anexo P só cometeu um erro no verbo *tentar* – *tente* presente do subjuntivo, eles conjugaram como pretérito imperfeito do subjuntivo. Das seis duplas que entregaram dois cometeram esse erro, o anexo P e N, acreditamos que pelo mesmo motivo da primeira vez que entregamos o texto, por falta de atenção já que o

parágrafo começa com pretérito, mas a frase que contém o verbo está no presente, pois é o pensamento da personagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, ao analisarmos os materiais recolhidos, a dificuldade de muitos alunos em usar conjugações verbais menos habituais; com isso percebemos que o repertório lingüístico deles é limitado, e mesmo depois que intervimos alguns ainda continuaram a não conjugá-los.

Acreditamos que essa limitação seja a falta de interesse dos alunos com relação à gramática, porque sempre foi ensinado o paradigma verbal em que eles teriam que memorizar as conjugações. Então, o conceito que eles criaram sobre esse assunto é de uma língua chata e difícil, mesmo num mini-curso como o que nós proporcionamos a eles, no qual, foge do cotidiano, a gramática foi contextualizada, demos um significado a ela e mesmo assim alguns não se empenharam, só o fizeram quando a professora efetiva interveio.

Por outro lado, foi um curso muito rápido, já que a docente nos disponibilizou as aulas dela, que fazem parte do calendário do ano letivo, portanto não poderíamos dar aulas extensas.

Devido a isso, acreditamos que esse método funciona; já que tivemos resultados positivos, porém todos os discentes participariam se fosse dado pelo professor efetivo da sala, num espaço de tempo maior; com isso, daria para conscientizá-los melhor sobre a importância da gramática, acreditamos que eles levariam a sério, mesmo porque o professor poderia cobrar mais empenho deles.

A atividade aqui proposta é apenas uma pequena amostra do que, entre tantas outras coisas, o professor pode fazer em sala de aula com relação ao ensino de gramática. Não se trata de fórmulas prontas, mas de sugestões de possibilidades de realizar esse trabalho. A idéia é que o professor elabore atividades que visem a atender a necessidades específicas de grupos de alunos, como esses que trabalhamos que tem um repertório de conjugações limitado, e aproveitar atividades com textos produzidos por eles; com isso, deixamos de ensinar somente a regra pela regra.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- BENITO, Simone de Cássia Benito. **Língua Portuguesa V**. Bebedouro: Fafibe, 2009. Notas de Aula.
- BENITO, Simone de Cássia Benito. **Teoria Lingüística**. Bebedouro: Fafibe, 2007. Notas de aula.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **PCN+: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, [200_].
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL, Secretária da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Português**. São Paulo: SEE, 2008.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Nova minigramática da língua portuguesa**/Domingos Paschoal Cegalla – 1.ed. São Paulo: companhia Editora Nacional, 2005.
- GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GRAMÁTICA: transitividade verbal. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br>> Acesso em: 20/06/2009.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. Editora da Unesp, 2003.
- _____. **Gramática na escola**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática**. 26.ed. São Paulo: Saraiva S.A. Livreros Editores, 2001.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática – Ensino Plural**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- VERBOS. Disponível em: <<http://www.vestibular1.com.br>> Acesso em 23/05/2009.

Anexo A – Texto da revista Nova Escola

Vira pó

Eu não sei se você já teve (**ter**) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor era (**ser**) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adeus*. Na verdade, eu devia dizer “poeta”, em vez de “compositor”. Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

– O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: “Está em processo de criação”. A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um “ah, desculpa”. Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (**for**) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: “Você se vai... se esvai... vira pó”. Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedo e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o tonto de mim, que ficava. Eu e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

– Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: “Dor... ligo e digo, doooooor...”

– Tio, onde está (**estar**) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: “Minha guia... meu choro... meu socorro”.

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

- Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

- Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lelé da cuca.

- Tio, o senhor já viu o mar?

E ele, prontamente:

- Mar...magoar...o ar...pelas ondas a quebrar....

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Ai, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar.

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não ___cante_____ (**cantar**) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração

aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a

agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona.

Fomos para

a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da pracinha havia uma árvore alta com um banquinho embaixo.

Sugeri que

nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele ___tente_____ (**tentar**) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente, ___respire_____ (**Respirar**) fundo, _____olhe_____ (**olhar**) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anciã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já ___saíra_____ (**sair**). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase caí da cama:

– Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca _____imaginaria_____ (**imaginar**), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó...Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim.. Desde cedo vi cada um seguindo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se esvai, vira pó.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele _____responderá_____ (**responder**): "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

– A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.

Anexo A 1ª folha

Nome: Karissa e João Henrique

Vira pó

Eu não sei se você já teve (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor era (ser) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adonis*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

- O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (ser) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já via. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão batendo pela ar, cantarolando sozinho.

Na meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se viu... se esviat... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedo e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o tonto de mim, que ficava. Eu e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

- Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooor..."

- Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

Ele vinha o eco: "Minha guia... meu choto... meu secreto".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adonis*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim:

- Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

- Acendo uma vela para que ela fique em paz.

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pyroco lele da casa.

- Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo A 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...meioar...o ar...pelas ondas a quebrar...

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Ai, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar:

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não canse (cantar) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saia de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praçinha havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele tentasse (tentar) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo:

- O quê? Eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente respire (Respirar) fundo, olhe (olhar) a sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo A 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anniã...

Aí, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma ideia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Aí, aí, aí... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já ~~saía~~ *(saía)*. Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase cai da cama.

- Consegui!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu *sino* pesado na praça, mas que nada! O que ele escreveria eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca ~~imaginava~~ *(imaginar)*, um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se evai, viva po... Não minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado toda dia na vã e vã esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim. Desde então vi cada

Anexo A 4ª folha

um seguindo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se esvai, vira pó.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando *perguntou* (*perguntar*) a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele *respondia* (*responder*): "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

– A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma sonoca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Viva Pô*.

Anexo B 1ª folha

Nome: *Esson Benedito Guerrera Paulo Roberto Negreiros C.*

Vira pó

Eu não sei se você já teve (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor foi (ver) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Sen Adens*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

– O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (for) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já via. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se vai... se esvai... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedo e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o tonto de mim, que ficava. Eu e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

– Tio, posso ligar o computador?

Ele não respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooooor..."

– Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Sen Adens*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

– Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

– Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lele da cueca.

– Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo B 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar... magoar... o ar... pelas ondas a quebrar...

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Aí, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar:

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não Conte (cantar) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas.

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o tranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praça havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Percebi vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele Tentasse (tentar) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo:

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que meio...

- Tio, sente Respire (Respirar) fundo. olhe (olhar) a sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo B 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anciã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma ideia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever?

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já ~~saía~~ *(sair)*. Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase cai da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca *imagineli* *(imaginar)*, um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direto... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nascei assim, vivendo esse adeus até o fim... Desde cedo vi cada

Anexo B 4ª folha

um seguindo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se esvai, vira pó.

Imagine meu tio contecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando *perguntaram* (*perguntar*) a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele *respondeu* (*responder*): "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.

Anexo C

Debaixo da Ponte

Moravam debaixo da ponte. Oficialmente, não é lugar onde se more, porém eles moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. Não reclamavam contra falta d'água, raramente observada por baixo de pontes. Problema de lixo não tinham; podia ser atirado em qualquer parte, embora não conviesse atirá-lo em parte alguma, se dele vinham muitas vezes o vestuário, o alimento, objetos de casa. Viviam debaixo da ponte, podiam dar esse endereço a amigos, recebê-los, fazê-los desfrutar comodidades internas da ponte.

À tarde surgiu precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem não dispõe de outro rancho. Há bancos confortáveis nos jardins, muito disputados; a calçada, um pouco menos propícia; a cavidade na pedra, o mato. Até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua. O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande posta de carne.

Nem todos os dias se pega uma posta de carne. Não basta procurá-la; é preciso que ela exista, o que costuma acontecer dentro de certas limitações de espaço e de lei. Aquela vinha até eles, debaixo da ponte, e não estavam sonhando, sentiam a presença física da ponte, o amigo rindo diante deles, a posta bem pegável, comível. Fora encontrada no vazadouro, supermercado para quem sabe freqüentá-lo, e aqueles três o sabiam, de longa e olfativa ciência.

Comê-la crua ou sem tempero não teria o mesmo gosto. Um de debaixo da ponte saiu à caça de sal. E havia sal jogado a um canto de rua, dentro da lata. Também o sal existe sob determinadas regras, mas pode tornar-se acessível conforme as circunstâncias. E a lata foi trazida para debaixo da ponte.

Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E iriam aproveitar o resto do dia dormindo (pois não há coisa melhor, depois de um prazer, do que o prazer complementar do esquecimento),

quando começaram a sentir dores.

Dores que foram aumentando, mas podiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado sem que lhe houvesse chegado notícia prévia de alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica. Há duas vagas debaixo da ponte.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967.

Anexo D

Nome: Larissa, Andreza, Edgar, João H.
nº: 23, 05, 10, 21

Indique o modo e o tempo verbal dos verbos sublinhados no texto e justifique.

Nunca descuidando do dever

Jamais permitiria que seu marido fosse para o trabalho com a roupa mal passada, não dissessem os colegas que era esposa descuidada. Debruçada sobre a tábua com olho vigilante, dava caça às dobras, desfazia pregas, aplainando punhos e peitos, afiando o vinco das calças. E a poder de ferro e goma, envolta em vapores, alcançava o ponto máximo da sua arte ao arrancar dos colarinhos liso brilho de celulósido.

Impecável, transitava o marido pelo tempo. Que, embora respeitando ternos e camisas, começou sub-repticiamente a marcar seu avanço na pele do rosto. Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras. Semanas depois percebeu que, no sorriso, franziam-se fundos os cantos dos olhos.

Mas foi só muitos meses mais tarde que a presença de duas fortes pregas descendo dos lados do nariz até a boca tornou-se inegável. Sem nada dizer, ela esperou a noite. Tendo finalmente certeza de que o homem dormia o mais pesado dos sonhos, pegou um paninho úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

COLASANTI, Marina. *Cantos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

permitiria → Futuro do pretérito do indicativo, porque a ocorrência do passado a partir de um referencial também no passado.
foi → Pret. Imp. subj., porque não se sabe quando aconteceu.

dissessem → Pret. Imp. do Subj. → porque é uma ação no passado que não sabe qto aconteceu, não é pontual, é incerta.

começou → Pret. Perf. do Ind. → ação que ocorreu no passado, está determinada e é pontual.

notou → Pret. Perf. do Ind. → ação que ocorreu no passado, está determinada e é pontual.

franziam-se → Pret. Imp. do Ind. → ação no passado, não há informação de que acabou ou é habitual.

foi → Pret. Perf. do Ind. → ação que ocorreu no passado, está determinada e é pontual.

Anexo E

Indique o modo e o tempo verbal dos verbos sublinhados no texto e justifique.

Nunca descuidando do dever

Jamais permitiria que seu marido fosse para o trabalho com a roupa mal passada, não dissessem os colegas que era esposa descuidada. Debruçada sobre a tábua com olho vigilante, dava caça às dobras, desfazia pregas, aplainando punhos e peitos, afiando o vinco das calças. E a poder de ferro e goma, envolta em vapores, alcançava o ponto máximo da sua arte ao arrancar dos colarinhos liso brilho de celulóide.

Impecável, transitava o marido pelo tempo. Que, embora respeitando ternos e camisas, começou sub-repticiamente a marcar seu avanço na pele do rosto. Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras. Semanas depois percebeu que, no sorriso, franziam os cantos dos olhos.

Mas foi só muitos meses mais tarde que a presença de duas fortes pregas descendo dos lados do nariz até a boca tornou-se inegável. Sem nada dizer, ela esperou a noite. Tendo finalmente certeza de que o homem dormia o mais pesado dos sonhos, pegou um paninho úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

VERBOS → permitiria, fosse, dissessem, dava, começou, notou, franziam, foi.

	EXPLICAÇÃO
1 PERMITIRIA = <u>indicativo, futuro do pretérito</u>	que o marido fosse com roupa mal passada para o trabalho.
2 FOSSE = <u>subjuntivo, presente do subjuntivo</u>	da caçaria que ela fazia diariamente.
3 DISSESSEM = <u>imperativo, presente do indicativo</u>	caça às dobras.
4 DAVA = <u>indicativo, presente do indicativo</u>	a marcar seu avanço.
5 COMEÇOU = <u>indicativo, pretérito perfeito</u>	a mulher
6 NOTOU = <u>indicativo, pretérito perfeito</u>	franzir os cantos dos olhos.
7 FRANZIAM = <u>indicativo, presente do indicativo</u>	muitos meses mais tarde
8 FOI = <u>indicativo, passado do pretérito</u>	

- 1) Porque ela ainda não permitiu.
- 2) Porque ela não permitiria que ele fosse hoje assim ao trabalho.
- 3) Porque é uma ordem da esposa, atualmente.
- 4) Porque é uma certeza que hoje dava caça às dobras.
- 5)

Natália - Luana - Bruna F. e Jéssica P. 1º ano

Anexo F 1ª folha

Jolie®

Tema: "Toque de recolher para menores de 13 anos"

Título: "Toque de recolher": só mais uma entre outras.

Atualmente tudo isso é uma bobagem e com certeza estão perdendo tempo tentando proibir os adolescentes de saírem de casa pela madrugada, achando que com isso as drogas, as prostituições e tudo de errado que há com alguns adolescentes irá acabar.

Se uma pessoa é viciada em drogas não é porque ela não poderia sair de casa que deixara de usar, ou até mesmo se um adolescente precisa do dinheiro para sustentar-se e encontra a saída na prostituição, não será uma proibição de horário que mudará a história. Do mesmo jeito que eles fazem a noite, fazer quando está claro e bem mais escondidos não terá problema algum.

Não críticos querem acabar com o problema, só acho que estão fazendo de uma forma totalmente errada.

Os pais tem sim grande culpa disso, mas não são todos, pois como todo mundo sabe não são só os "pobres" ou os filhos de pessoas que usam ou traficam drogas que estão nessa rede errada,

Anexo F 2ª folha



Jolie®



existem também adolescentes que tem tudo dentro de casa, mas que de uma certa maneira acaba se envolvendo com pessoas erradas.

A questão também não é ter liberdade e sim saber-la usar para que não ocorra situações como essa. Ser adolescente também é começar a ter ~~quiza~~ e responsabilidade, pois não é para sempre que os nossos pais se responsabilizam por nossos atos.

Portanto o necessário é ter uma educação firme e que dure para sempre tanto dentro de casa como na rua.

Tenho certeza que essa lei não mudará nada, tanto é que existem várias outras e muitas pessoas não respeitam, algumas são até pecado perante Deus, mesmo assim tem gente que rouba e mata.

Conclui-se então que, "toque de recolhida" não é a melhor maneira de se resolver essa situação. Se coloque no lugar de um adolescente responsável e tire suas próprias conclusões. Pense nisso!

Darixa Basso de Almeida

Anexo F 3ª folha

Presente do indicativo - "critica" - ação que ocorre no momento da fala, que é uma crítica no que digo, está em primeira pessoa, já que é minha opinião.

Imperativo afirmativo - "leia" - é uma ordem para que o leitor pense no assunto.

Futuro do subjuntivo - "levará" - vem com a palavra "se", indica algo que o leitor pode precisar, mas no futuro, é incerto por ser subjuntivo.

Anexo G 1ª folha

Nome Érica Alves N°12 1ªA

03/10/09
 ETCSSE
 M T W T F S S
 0 0 0 0 0 0 0

tema: leis de recolher para menores de 18 anos

"mais uma lei!"

mais uma lei... chamada leis de recolher para menores de 18 anos.

Isso é considerada uma injustiça para quem se precisa ir em uma ban habitar na cidade de menor.

Considera-se leis de recolher de lei e de dar mais leis para menores haver, mas advers. mas... Quando alguém "precisa" faz alguma mal, mas haverá há mu to ni na leis, na que isso acontece.

Porém, tudo isso nos mostra a incapacidade de ser para na educação dos filhos.

Constituir seus meios melhor se quando isso, para um plano de mente familiar, por isso uma vez e verdadeira educação.

E há leis que na verdade irão "mudar o mundo "

Por isso : Imperativo afirmativo é uma ordem para que o leitor pense
Considerar = Presente indicativo é uma ação que ocorre no momento da fala
Precisar = Futuro dos Subjuntivos: um

kajoma

Anexo G 2ª folha



Com a palavra (ss) - tem o
desejo de fazer:

rajoma

Anexo H

Tema: Tarefa de Recolher para menores de 18 anos

O PAPEL DO TAREFA DE RECOLHER

Na minha opinião o tema de recolher é uma coisa que não deveria estar no vocabulário legislativo municipal. Para mim isso iria caracterizar vários problemas, não só com os adolescentes, mas também com a família desse indivíduo porque o adolescente precisa mais atenção e com essa palavra ocorrer vários problemas familiares.

Concordo muito com a parte de adolescentes não frequentarem lan houses, porque a maioria de adolescentes que frequentam essas lan houses não para jogar games não educativos e que segundo a lei são proibidos mas eu também acho que a legislação não deveria chegar a proibir aos adolescentes de ir em lan houses, mas sim proibir os responsáveis pelo lan houses a estabelecer jogos não educativos a menores.

Mas se essa lei vier a acontecer aqui, os pais que estão aqui e filhos fazem e confiam neles deve tomar providências e aí para isso que serve a emancipação.

Nome: João Henrique Roriz da Silva. 15A

Futuro do subjuntivo: chegar, sem com a palavra "e",
muito mais rápido.

Imperativo: deve, uma ordem para que os pais
tenham providências.

Particípio: Chegando, ação que ocorre no momento de falar a frase.

Anexo I 1ª folha

Amanda nº 3 12
Toque de recolher PARA menores

O "Toque de recolher para menores de dezotto anos" gera uma polémica muito grande entre jovens x adultos. No início muita gente se abteria a lei, mas no decorrer do tempo, os jovens não irão aguentar a "pressão" que será exercida sobre eles, e os pais não terão o poder de controle sobre seus filhos. Não será o horário que o limitara de um irmão ou tia e substituição.

Se os pais soubessem educar melhor seus filhos (nao generalizando) não seria necessária a criação dessa lei exercida pelo juiz. Talvez a "educação vem de berço", como costumamos dizer. Hoje é praticamente "um passe" para jovens de famílias destruídas sem aberdades com tios.

Preparamos então maior controle dos pais, maior atenção às companhias dos filhos. Quem cria suas próprias leis e alíneas de espelho para os filhos são os próprios pais.

Anexo I 2ª folha

Presente - OIERA → está ocorrendo uma
ação no presente "está grande".

Future Subjunctive → SOUBESSEM →
"se os pais soubessem"

Imperative → PROPONHAMOS → indicando
uma ordem.

Anexo J 1ª folha

Vira pó

Eu não sei se você já tive (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor era (ser) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adeus*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

- O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (for) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente afinadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias emm as seguintes palavras: "Você se vai... se esvai... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedinho e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o finto de mim, que ficava lá e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele:

- Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooor..."

- Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

- Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

- Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lelé da cacá.

- Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo J 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...magoar...o ar...pelas ondas a quebrar...

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Aí, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar:

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não ouve (*cantar*) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praça havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele teste (*tentar*) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente respire (*Respirar*) fundo, olhe (*olhar*) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo J 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. *Dito o feito!* Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anelã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já saía (saía). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grão e quase caí da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca imaginaria (imaginar), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pro mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim... Desde cedo vi cada

Anexo J 4ª folha

um segundo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você te vai, se evul, vira pó.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele ~~respondeu~~ *(responder):* "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo do fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

— A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.

Anexo L 1ª folha

NOME: LARRIANE E ROBSON

Robson L

Vira pó

Eu não sei se você já teve (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor foi (ser) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adeus*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

- O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (for) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarelando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se vai... se osvni... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, anordava cedinho e ia para a tua. Virava pó. Sobrava para o tonto de mim, que ficava. Eu e o poeta-em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

- Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooooor..."

- Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

- Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

- Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lele da cuca.

- Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo L 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...magnar...o ar...pelas ondas a quebrar...

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Ai, não! - A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar.

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não co...te (cantar) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praça havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele te...te (sentar) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente: sempre (Respirar) fundo, olhe (olhar) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo L 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anticã...

Aí, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já saía (saír). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quise cal da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca imaginar (imaginar), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim... Desde cedo vi cada

Anexo L 4ª folha

um seguindo-seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se erra, vira pó.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele ~~responde~~ *(responder)*: "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

- A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.

Anexo M 1ª folha

nomes: Erica Alves, Patrícia nº: 31 e 1

Vira pó

Eu não sei se você já teve (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor era (ser) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Sex Adeus*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

- O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (for) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que trimeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se vai... se esvai... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedinho e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o tonto de mim, que ficava. Eu e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

- Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooooor..."

- Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Sex Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

- Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

- Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lelé d'acuca.

- Tio, o senhor já viu o mar?

anexo M 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...magoar...o ar...pelas ondas a quebrar...

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Ai, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar.

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não CANTE (cantar) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece do repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gado, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praçinha havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugerí que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele Tente (tentar) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que máico...

- Tio, sente respire (Respirar) fundo, olha (olhar) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo M 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. *Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:*

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anciã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico:

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as capetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já *saia* (sair). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase caí da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca *imaginaria* (imaginar), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim... Desde cedo vi cada

Anexo M 4ª folha

um seguindo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se viu, se ouviu, viru pô.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele respondeu (responder): "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita ajuda do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

- A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP3, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneta, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pô*.

Anexo N 1ª folha

Nome: Anderson Amor Carolina, N.º 05, 04

Vira pó

Eu não sei se você já teve (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor viu (ver) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adeus*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

– O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fizesse (fazer) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se vai... se esvai... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedinho e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o tonto de mim, que ficava. Eu e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

– Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooooor..."

– Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

– Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

– Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lele da cuca.

– Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo n 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...magoer...o ar...pelas ondas a quebrar...

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Aí, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar.

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não mita (cantar) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consigo...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praça havia uma árvore alta com um banco embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele mita (tentar) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente respira (Respirar) fundo, olha (olhar) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo N 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anciã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já vo (sair). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase caí da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca imaginei (imaginar), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim. Desde cedo vi cada

Anexo N 4ª folha

um seguindo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se erra, vira pó

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, o quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele respondeu (responde): "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

- A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.

Anexo O 1ª folha

Nome: Luana e Jéssica Vexela
n.º 36 e 19

Vira pó

Eu não sei se você já teve (ter) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor Jose (ser) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adeus*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

– O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (for) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão bailando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se vai... se esvai... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedinho e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o fongo de mim, que ficava. Eu e o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele:

– Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooooor..."

– Tio, onde está (estar) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

– Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

– Acendo uma vela para que ela fique em paz..

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lelé da cuca.

– Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo O 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...magoar...o ar...pelas ondas a quebrar....

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Ai, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar.

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não canta (cantar) o que eu vou dizer!

E quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praçinha havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele tente (tentar) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente, Respire (Respirar) fundo, olhe (olhar) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo O 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achei que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anciã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

- Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já ~~saía~~ ^(sair). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase cai da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca ~~imaginava~~ ^(imaginar), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim... Desde cedo vi cada

Anexo O 4ª folha

um segundo seu divido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se vai, vira pó.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele respondeu (responder): "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita feição do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

– A verdade é que eu não erio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.

Anexo P 1ª folha

Jão Almeida 21 Série: 1ª A
Danieli 09

Vira pó

Eu não sei se você já teve (*ter*) a oportunidade de morar na casa de um compositor de samba quando ele está no meio de uma criação. Eu tive. O compositor era (*ser*) meu tio, a ocasião: férias escolares. O samba: *Seu Adeus*. Na verdade, eu devia dizer "poeta", em vez de "compositor". Sempre que o telefone tocava na casa do meu tio, era assim que todos os amigos perguntavam por ele.

... O poeta está?

Minha tia tinha explicado que era para responder: "Está em processo de criação". A pessoa do outro lado sempre se desculpava. Não um "ah, desculpa". Era uma desculpa nervosa, como se meu tio fosse (*for*) um cirurgião cardíaco e a campainha do telefone pudesse ter assustado ele no seu trabalho, que tremeria a mão e daí já viu. O processo de criação na verdade queria dizer que ele ficava esparramado numa poltrona, olhando para a TV sem som. Na mesinha ao lado, um bloquinho de papel e cinco canetas Bic perfeitamente alinhadas. A do meio era verde. As da esquerda, azuis. As da direita, vermelhas. O problema é que meu tio não pegava nas canetas. Ficava com a mão ballando pelo ar, cantarolando sozinho.

No meu primeiro dia de férias eram as seguintes palavras: "Você se vai... se esvai... vira pó". Agora imagine isso repetido infinitas vezes. Minha tia, já descolada com essa situação, acordava cedinho e ia para a rua. Virava pó. Sobrava para o torto de mim, que ficava. Eu é o poeta em processo. Logo percebi que tudo o que eu falava virava matéria-prima para ele.

- Tio, posso ligar o computador?

Ele nem respondia, só ecoava as minhas palavras: "Dor... ligo e digo, doooooor..."

- Tio, onde está (*estar*) a guia do cachorro?

E lá vinha o eco: "Minha guia... meu choro... meu socorro".

No terceiro dia, resolvi ajudá-lo com aquele samba *Seu Adeus*. Ou isso, ou eu ia ficar louco. Meu desafio era fazer meu tio pensar que a composição tinha vindo da cabeça dele. Foi então que eu disse assim...

- Tio, você gosta da novela da Juliana Paes?

- Acendo uma vela para que ela fique em paz...

Por alguns minutos achei que meu tio fosse um pouco lelé da cuca.

- Tio, o senhor já viu o mar?

Anexo P 2ª folha

E ele, prontamente:

- Mar...magoar...o ar...pelas ondas a quebrar....

- Tio, por que o senhor não pega um objeto e começa a fazer alguma música?

Depois de alguns minutos eu ouço:

- Televisão!

Ai, não! A minha ideia, na verdade, era que ele pegasse o objeto e pensasse para compor algo, mas ele distorceu tudo e começou a gritar.

- A sua imagem não sai do meu coração!

- Bela composição, tio!

Respirei fundo e, antes de falar outra palavra, disse num tom grave e autoritário:

- Tio, não CANTE (*cantar*) o que eu vou dizer!

É quase por um milagre, ele disse sem cantar:

- OK!

- Para que o senhor consiga compor é preciso que esteja inspirado, e inspiração aparece de repente. Não precisa ficar aí plantado, repetindo palavras!

- Sim, mas eu não consi...

- Consegue sim! Vamos dar uma volta na praça.

Com muito custo e paciência eu o convenci de que, vendo gente, movimento e toda a agitação da rua ele teria muito mais assunto para poder compor. No início ele nem quis me ouvir e só argumentou que sempre precisou de muito silêncio para compor, que havia composto várias músicas, verdadeiras maravilhas...

Mas eu não quis nem saber. Peguei-o pela mão e o arranquei da poltrona. Fomos para a praça.

Parecia que meu tio não saía de casa havia 30 anos. Ele olhava para a praça e não falava nem fazia nada.

No centro da praçinha havia uma árvore alta com um banquinho embaixo. Sugeri que nos sentássemos ali. Foi então que eu vi algumas pessoas tocando um samba. Pensei: vou levá-lo lá no meio do pessoal para que, com o ritmo, ele TENTASSE (*tentar*) compor. Grande erro. Meu tio pulou do banco e gritou comigo.

- O quê!? E eu lá preciso da ajuda de outras pessoas?

Ele começou a andar em volta da árvore. Que mico...

- Tio, sente. RESPIRE (*Respirar*) fundo, OLHE (*olhar*) à sua volta, para as flores, as árvores, as pessoas, mas tem de fazer silêncio, tá?

Anexo P 3ª folha

Em resposta ele fez um sinal engraçado com os dedos, e sentou com as pernas cruzadas.

Já que ele se recusava a interagir, puxei conversa com um velho careca. Com certeza ele devia ser aposentado, e estava careca de não ter nada para fazer o dia todo. Assim que bati os olhos naquela cabeça lustrosa achci que ele era a pessoa ideal para ajudar meu tio a compor o samba. Dito e feito! Ele pegou um cigarro e ofereceu a meu tio. Mas o compositor já começou:

- Fumar... Acalmar... Câncer... Anciã...

Ai, tinha tanta vergonha que fui comprar um refrigerante. Quando voltei, o poeta estava dormindo.

Peguei meu MP4 e coloquei os fones nos ouvidos dele. Quando percebi que ele ia acordar, tirei os fones com o maior cuidado e voltamos para casa.

No dia seguinte, acordou eufórico.

-Hoje estou com uma música na cabeça, alguém viu o papel e a caneta?

Fui tropeçando em tudo: chinelo, tapete, tudo que tinha pela frente. Não encontrei as canetas. Minha tia disse que tinha tirado todas elas de cima da mesa e não lembrava onde tinha posto. Mas justamente agora, que meu tio tinha uma idéia, não havia como escrever. Ficamos procurando um lugar para comprar a bendita caneta e, por fim, achamos no mercado.

Meu tio foi para mesa e, ao se sentar, olhou para mim e disse:

- Esqueci o que eu ia escrever.

Ai, ai, ai... Tudo que é bom dura pouco. Fui para a cozinha e percebi que minha tia já SAIRA (*sair*). Então fui para o quarto ler um livro. Depois de uma hora escutei um grito e quase caí da cama:

- Consegui!!!

Antes de ler, imaginei que a letra seria parecida com o samba que eu fiz meu tio escutar durante seu sono pesado na praça, mas que nada! O que ele escrevia eram versos diferentes. Ele tinha feito algo que eu nunca IMAGINARA (*imaginar*), um samba incomum, incrível, inimaginável. Era assim:

Você se vai, se esvai, vira pó... Vê minha dor, meu choro e meu pedido de socorro, não tem dó. Te ligo, lhe digo, o que de mal lhe tenho feito? Me dê um sinal, me responda direito... Estou na maior agonia, fico acordado todo dia na inocente esperança de você se lembrar da nossa aliança e pra mim voltar... mas você não vem e mais uma vez fico completamente sem ninguém. Mas, fazer o quê? Nasci assim, vivendo esse adeus até o fim... Desde cedo vi cada

Anexo P 4ª folha

um segundo seu devido caminho, sendo que de mim só ficou um pedacinho e novamente a história se repete. Você se vai, se esvai, vira pó.

Imagine meu tio conhecido mundialmente como o melhor compositor de sambas, e quando perguntarem a ele "Como você consegue escrever essas coisas tão bonitas?", ele RESPONDE *(responder)*: "Minha inspiração demorou para aparecer, mas depois de muita teima do meu sobrinho acabei descobrindo que inspiração vem de qualquer lugar. Ele salvou a minha carreira. Ele, que nunca desistiu de mim."

E não é que aquilo de fato aconteceu? Poucos meses depois minha tia telefonou dizendo para ligarmos a TV. E lá estava meu tio, de camisa de seda e um sorriso estampado no rosto. Ele falava sobre seu caótico processo criativo.

- A verdade é que eu não crio nada sozinho. Se não fosse pelas colaborações, e em particular a do meu sobrinho, eu estaria empacado.

E daí ele contou a história toda. Falou do passeio no parque, de ter ouvido o MP4, da letra que surgiu misteriosamente depois de uma soneca, do perigoso contratempo das canetas que sumiram e do breve momento de branco total. E a entrevistadora lá, com pose de pensadora, só concordava com acenos de cabeça, impressionada pelos conturbados bastidores do *Vira Pó*.